

DESENVOLVIMENTO // O Brasil conseguiu reduzir a desigualdade entre ricos e pobres.

Mas distância ainda é muito grande

Um longo caminho pela frente

MARCELO TOKARSKI
DO CORREIO BRAZILIENSE

O Brasil ainda é um país com uma das piores distribuições de renda do mundo, mas desde o início da década deu importantes passos na direção de amenizar a abissal desigualdade entre pobres e ricos. O atual ritmo de redução da desigualdade é maior do que o de quase todas as nações que, no passado, construíram seu estado de bem-estar social. De 2001 a 2006 (último dado disponível), o Índice de Gini recuou de 0,594 para 0,559 — quanto mais próximo de zero, menos desigual é um país. A queda média foi de 0,007 ponto por ano. O desempenho brasileiro só fica atrás da Espanha, que ao longo dos anos 1950, registrou um recuo anual de 0,009 em seu índice.

Apesar da acentuada melhora, o Brasil ainda tem um longo caminho pela frente. Para chegar ao atual nível de desigualdade do México, por

exemplo, o país precisaria manter o mesmo ritmo de melhora por mais seis anos. Para alcançar os Estados Unidos, seriam necessários 12 anos. Do Canadá, exemplo de bem-estar social, ainda estamos a uma distância de 24 anos. O diagnóstico é do pesquisador Sergei Suarez Dillon Soares, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), autor do estudo *O ritmo de queda na desigualdade no Brasil é adequado? Evidências do contexto histórico e internacional*.

Segundo o levantamento, entre 2001 e 2006 a desigualdade caiu 5,8% no país, o que dá uma média de 1,1% ao ano. "A principal conclusão é de que a velocidade da queda está muito boa", afirma o pesquisador. Para o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, os anos 2000 ficarão na história do país como a década da redução da desigualdade. "Os anos 80 foram a década da democratização. Os 90, da estabilização monetária. Agora, estamos ficando marca-

dos pela redução da desigualdade".

No entanto, alerta Sergei Soares, para esse ritmo ser mantido será preciso adotar outras medidas, pois os efeitos exercidos pela política de valorização do salário mínimo e pelo Bolsa Família começam a perder força. "O país precisa de uma política tributária mais eficiente e justa, que tribute mais quem tem mais dinheiro. É preciso ainda definir uma política que equilibre as diferenças regionais e investir pesado na educação", diz.

Distâncias - Ao calcular o tempo que seria necessário para atingir o nível de igualdade de outros países, Soares escolheu para comparação México, Estados Unidos e Canadá devido às semelhanças geográficas (todos são países continentais) e ao fato de serem nações marcadas por diferenças étnicas. Segundo ele, a distância que ainda existe para o México, por exemplo, se deve à forte pobreza presente no

campo brasileiro. "O México tira vantagem de ter feito uma ampla reforma agrária há 100 anos. No meio urbano, nossas desigualdades são semelhantes", pondera.

Para atingir o nível canadense, diz o pesquisador, não será suficiente apenas manter o atual ritmo de redução da desigualdade. O Brasil precisaria alterar profundamente seu "processo civilizatório". "Um país que se parece com o Canadá em termos de desigualdade não pode se parecer em nada com o Brasil de hoje. Não será possível ter grandes favelas coexistindo com condomínios de luxo, indivíduos à beira da fome no sertão do Cariri vivendo no mesmo país cujos céus são cruzados por executivos viajando na segunda maior frota de aviões particulares do mundo, nem um exército de empregados particulares passando as roupas, encerrando os pisos e lavando os banheiros da classe média", escreve Soares. Seria também uma mudança de mentalidade.



GRANDES FAVELAS NÃO PODEM COEXISTIR COM CONDOMÍNIOS DE LUXO